

# A CIÊNCIA E CREPÚSCULO: ENTRE O SONHO E O PESADELO DA RAZÃO

*Prof. Geraldo Mateus de Sá*

Universidade do Estado do Pará

Núcleo de Extensão e Pesquisa em Epistemologia e Métodos

**Resumo:** A ciência surgiu no mundo moderno-contemporâneo como uma alternativa de resposta a algumas das principais interrogações sobre o homem e o mundo. Nesse sentido, não se pode negar a importância e os benefícios que o conhecimento científico proporcionou à humanidade. Porém, também não se pode renunciar ao 'senso crítico' e relegar as preocupações éticas em relação à práxis científica. Para ilustrar essa discussão, faz-se uso da metáfora do crepúsculo na tentativa de entender o paradoxo científico, isto é, compreender o sonho e o pesadelo da razão na extensão dos limites racionais da espécie humana. Assim, abre-se espaço para resgatar a primordial busca humana pela verdade e, ao mesmo tempo, efetivar o conhecimento racional como a grande emancipação do espírito humano em função da conquista de sua própria liberdade. Para tanto, não se pode relegar os feitos do conhecimento mitológico, o qual despertou nos primeiros humanos o 'espanto' e a 'admiração' frente ao desconhecido, firmando os passos primordiais do espírito humano rumo às primeiras inquietações que, após longo e árduo percurso, configuraram as bases da filosofia e da ciência atuais.

**Palavras-chave:** Ciência. Razão. Verdade.

## 1. Introdução

**E**ste trabalho pretende discutir o sentido de uma hermenêutica crítica voltada à construção e ao entendimento do conhecimento científico. Em verdade, a temática em discussão se funda em proposições que almejam harmonizar a ciência com outros significativos eventos do conhecimento, cujo intuito consiste em ressaltar o 'espanto' e a 'admiração' filosóficos como importantes fatores da experiência humana frente ao desconhecido (enigmático).

Nesse sentido, pretende-se uma ciência rigorosa mas aberta à discus-

são de suas crises paradigmáticas e, também, predisposta a certificar-se de seus próprios limites, sobretudo com o objetivo de consolidar a relevância do senso crítico na construção da verdade científica. Objetiva-se, então, fazer algumas considerações sobre as possibilidades relacionais entre a filosofia e o conhecimento científico.

Concomitante às asserções supracitadas, é importante considerar os principais feitos mitológicos que podem ilustrar a determinação do homem em prol da libertação de sua

vontade e da consolidação de sua razão criativa. Em decorrência desse ponto de vista, acredita-se ser importante demarcar o curso histórico da evolução humana a partir de sua própria experiência epistemológica, atitude que não deve desprestigiar aqueles que, como narra o episódio de Ícaro, caíram em conseqüência de sua própria ousadia. Assim, propõe-se entender a experiência do homem na sua arriscada busca pela verdade, considerada aqui como uma ação prioritariamente antropológica no sentido da auto-afirmação do espírito humano nos planos existencial, epistêmico e cultural.

## 2. Do mito ao sonho

O curso histórico dos últimos séculos, paradoxalmente, demonstrou que a ciência, em sua arriscada travessia pelo mundo do conhecimento, vivencia na contemporaneidade o sonho e o pesadelo das conquistas protagonizadas pela vontade humana. Segundo essa perspectiva, vale lembrar alegoricamente três grandes eventos míticos da civilização ocidental: a 'pedagógica' desobediência de Adão e Eva, o astucioso vôo de Ícaro e a heróica ventura de Prometeu.

Essas três importantes narrativas míticas ilustram a ousadia do espírito humano e a libertação de sua vontade. Em conformidade com Moacir Gadotti, entende-se que "foi através de um ato de desobediência – ato eminentemente pedagógico – que Adão e Eva tomaram consciência da

sua humanidade (de que eram homens) [e] das condições de sua existência, cujo conhecimento lhes era sistematicamente ocultado pela paternidade (para não dizer paternalismo) de Deus"<sup>1</sup>. Certamente, a partir desse momento, o homem passou a ser o sujeito responsável por sua história e pela construção de seu conhecimento, não mais podendo fugir das conseqüências de sua 'consciência' e dos riscos de sua liberdade.

De modo semelhante à desobediência de Adão e Eva a Deus, conforme narrativa do livro do Gênese, o ousado Ícaro elevou às alturas o sonho de voar, ao mesmo tempo em que se deparou com os seus próprios limites (não poder voar tão alto). Outro importante acontecimento foi a ação de Prometeu, que roubou o fogo dos deuses e o entregou aos homens. E, significativamente, daí por diante o fogo passou a mover o progresso e a transformação do mundo material, marcando expressivamente a evolução/revolução técnico-científica da espécie humana.

Em relação a tais eventos, a experiência do homem atual ainda reflete, em muitos aspectos, as incertezas dos primeiros humanos. O pesadelo da ciência pode ser representado segundo o desfecho das três entidades mitológicas anteriormente mencionadas, sobretudo ao se considerar os riscos da experiência humana di-

---

<sup>1</sup> - GADOTTI, 1998: 89.

ante das 'possibilidades' de existir em um mundo cujas implicações da verdade são imprevisíveis. Assim, o fogo outrora roubado por Prometeu trouxe sérias conseqüências à história da humanidade, mais precisamente em relação ao domínio inconseqüente da natureza segundo a concepção de 'progresso ilimitado' da ciência moderna.

Segundo tais circunstâncias, quando se passa da metáfora para a realidade atual, constata-se que a ciência se tornou o grande dilema humano. Como protagonista dessa história, o cientista (como qualquer outro humano) é impulsionado pelas mais diversas razões, tais como: "curiosidade, prazer, inveja, competição, narcisismo, ambição profissional, dinheiro, fama, autoritarismo"<sup>2</sup> etc. Assim, a ciência não pode ser indiferente ao pesadelo humano, ou seja, não pode ignorar a herança arquetípica do 'pecado' de Adão e Eva, a 'queda' de Ícaro e o 'castigo' imposto a Prometeu.

Desse modo, considera-se sumamente importante o esforço participativo da filosofia e da ciência em função de estabelecer uma relação dialógica entre a razão e a experiência existencial humana. Tal esforço deve representar as motivações que relevam a complexidade epistêmica atual, principalmente ao considerar as implicações éticas e a formação de uma consciência político-

ecológica da ciência contemporânea, visto que o conhecimento científico se efetiva, circunstancialmente, na própria 'casa' (*oĩkos*) do homem.

Em se tratando das questões pertinentes ao mundo moderno-contemporâneo, entende-se que o conhecimento científico deve ser mais sensível à constituição de um processo crítico mais atento a seus valores internos e a suas conseqüências extra-epistêmicas. Consoante a esse ponto de vista, a ciência deve ser um conhecimento aberto às propostas de construção e de reconstrução crítica dos pressupostos gnosiológicos da verdade. Por isso, não se deve relegar as implicações históricas que validaram/validam as condições epistemológicas da verdade científica no contexto situacional da modernidade/contemporaneidade.

Frente às acepções propostas, considera-se ser de suma relevância não se distanciar das bases do senso crítico que, além de envolver as principais implicações epistemológicas da verdade, também, deve subsidiar uma efetiva experiência existencial do conhecimento científico. Tal proposta aponta para o caminho que pode reconduzir o homem ao 'espanto' e à 'admiração' sobre os segredos da *physis* (a exemplo dos antigos gregos). Ora, é nessa perspectiva de entendimento que se propõe uma atitude transcendente sobre o conhecimento da realidade a partir de suas questões fundamentais, o que também se contrapõe à constu-

---

<sup>2</sup> - ALVES, 2002: 177.

ção de um discurso desprovido de rigor científico-metodológico e de uma necessária coerência epistêmica.

Na tentativa de entender a ciência não como dogma mas como um fim antropológico em permanente estado de construção da verdade, é fundamental não implicar o conhecimento científico numa estigmatizante práxis científicista. Pois, se isso suceder, tal atitude tornaria trivial a credibilidade no *corpus* epistêmico da ciência e na razão crítica. Todavia, a estagnação do senso crítico representaria uma ameaça ao progresso tanto da ciência quanto da filosofia. Pois, toda verdade aportada em um suposto 'porto seguro'<sup>3</sup> não tem crédito para versar sobre a dinamicidade da racionalidade humana, visto que a estagnação epistemológica inibe o senso crítico e imobiliza a dinâmica da busca da verdade no âmbito das circunstâncias históricas do conhecimento.

Portanto, valiosa é a cooperação entre a filosofia e a ciência, principalmente no sentido de se cooptarem para a seguridade dos critérios de uma verdade epistemologicamente válida. A essa altura, tal procedimento induz a se fazer uma analogia com o pensamento platônico, sugerindo que 'os filósofos deveriam ser cientistas e os cientistas filósofos'<sup>4</sup>. Embora seja essa uma pretensão altamente utópica, vale lembrar que o

cientista, imprescindivelmente, deveria exercer um senso crítico mínimo diante de sua práxis epistemológica, principalmente em perspectiva da dimensão epistêmico-ética de seus saberes, cujo fim primordial consistiria em zelar pela verdade e pela 'casa' do homem (consciência ecológica/ sistêmica).

Em se tratando de entender o conhecimento e suas implicações na realidade valorativa da ciência, é sumamente importante considerar que todo saber se desnuda de sua (suposta) neutralidade perante um contexto de crise e de instabilidade epistemológica. Por isso, é consideravelmente positiva qualquer quebra do sono epistemológico, visto que só num contexto de confrontação teórico-ideológica se pode superar as inseguranças epistêmicas, o que preconiza um momento propício às devidas reformulações conjunturais da verdade filosófica/científica. Nessa perspectiva, entende-se que a verdade não habita uma dimensão extra-humana ou distante de alguma intencionalidade subjetiva. Porém, é no mundo que ela encontra seu fim e, variavelmente, efetiva suas implicações epistêmicas e sociopolíticas. Por fim, é também na dinâmica do mundo que a verdade científica se depara com a sombra e o crepúsculo da 'possibilidade' do desconhecido, visto a incerteza e a falibilidade humanas assombrarem a razão insistentemente.

<sup>3</sup> - Vide JAPIASSU, 1983.

<sup>4</sup> - Cf. PLATÃO, 2002: 170.

### 3. Do sonho ao pesadelo

Ao considerar a busca humana pela verdade, prioritariamente no plano epistemológico, é pertinente fomentar uma predisposição plural para se entender melhor as estruturas e as conjunturas da formação do espírito científico. Essa base interdisciplinar para uma compreensão científica não trata de costurar uma colcha de retalhos teóricos mas, ao contrário, procura apontar e entender aquelas lacunas que todo construto teórico deixa em branco e vulneráveis a concepções pretensamente ideológicas.

De outro lado, por intermédio de uma epistemologia interdisciplinar, que valoriza a pluralidade do conhecimento filosófico e científico, acredita-se poder traçar um caminho (*métodos*) seguro para a construção/ reconstrução de uma crítica epistemologicamente mais confiável. Ao proceder dessa forma, o princípio fundamental da proposta em questão é fazer com que a realidade seja visualizada a partir dos mais diversos ângulos, o que só é possível se for utilizado um instrumental especificamente adequado a cada caso, visto não se confirmar a existência de uma teoria que dê conta da total complexidade da realidade. É por esse motivo que se propõe uma abordagem pluridimensional e interdisciplinar de uma determinada questão sem, contudo, cair num relativismo inconsequente e acreditar que tudo pode ser explicado por uma soma de teorias.

Nesse caso, ciência e filosofia devem ser parceiras na busca da verdade, principalmente ao se considerar que qualquer visão unilateral (dogmatismo) sobre determinado fato é por demais perigosa. Nessa mesma situação, também a pseudociência se configura como um dos principais obstáculos epistemológicos para a construção da verdade científica contemporânea. Portanto, é significativamente importante estreitar a relação entre a práxis científica e a reflexão filosófica, sobretudo em função de consolidar o discurso de uma verdade epistemologicamente válida e acessível a um maior número de pessoas (socialização da verdade).

Por vezes, trabalhar em prol de um homem livre para construir sua 'travessia' em busca da verdade é arriscar, existencialmente, a própria liberdade. Porém, na perspectiva em que se propõe o texto, entende-se que o homem livre é o principal mérito de um conhecimento também livre. Entretanto, tal liberdade tem um alto custo e um permanente risco existencial; pois, tal como em relação à verdade não há referenciais definitivos ou garantias absolutas. Destarte, a trilogia ciência/ filosofia/ liberdade configura um complexo campo para o entendimento da experiência subjetiva e do lógos objetivo do conhecimento. Em razão dessa problemática, entende-se que somente através de uma 'epistemologia libertária' é que se pode vislumbrar a profunda dimensão do espírito humano em sua

liberdade de construir e de reconstruir seus referenciais de verdade.

#### 4. Considerações finais

Considerando o extenso campo de discussão respeito ao conhecimento, constata-se que a filosofia e a ciência jamais podem abrir mão de uma postura crítica rigorosa, embora essa forma de agir não deve colocar a filosofia e a ciência num plano inatingível. Aliás, só é possível um diálogo construtivo no campo filosófico-científico a partir do momento em que as partes envolvidas assegurarem, em virtude de uma fundamentação epistemológica consensual, a acessibilidade democrática aos pressupostos construtivos da verdade.

Ao mesmo tempo em que se chama a atenção para os problemas de natureza epistemológica, por outro lado, é premente discutir as implicações do conhecimento científico em relação a outras instâncias do mundo, assim como não se pode ignorar sua dimensão antropológica. Desse modo, é sumamente importante considerar o legado histórico da evolução racional,

sobretudo no sentido de entender com mais propriedade os arriscados caminhos que conduzem à verdade, especialmente à verdade filosófico-científica.

Em suma, na conjuntura moderno-contemporânea em que se discute os pressupostos da verdade científica, é também pertinente considerar as principais implicações da ciência no contexto sociopolítico, sem deixar de lado as relações que se efetivam no âmbito antropológico do conhecimento e da verdade. Metaforicamente, a ciência moderno-contemporânea é a imagem do crepúsculo da história da razão, a qual preconiza o sonho e o pesadelo da grande ventura do espírito humano 'no-mundo'. Enfim, conclui-se que o espírito humano não deve estagnar a dúvida nem se acomodar no sono da razão. Para tanto, o homem não pode anular o sentido de seu arriscar, assim como não pode perder a razão de ser a única espécie que se relaciona com a verdade, isto é, que estabelece os pressupostos racionais daquilo que se configura, sistematicamente, como verdadeiro.

geraldomt@ligbr.com.br

#### Bibliografia

ALVES, Rubem. *Por uma educação romântica*. Campinas: Papyrus, 2002.

BACHELARD, Gaston. *A formação do espírito científico: contribuição para uma psicanálise do conhecimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

JAPIASSU, Hilton. *A pedagogia da incerteza*. Rio de Janeiro: Imago, 1983.

PLATÃO. *A República*. São Paulo: Martin Claret, 2002.